

Bestboiso

Nova Orthografia

Todos os fogos
o fogo
contos

JULIO
CORTÁZAR

5

A ilha ao meio-dia

Na primeira vez que viu a ilha, Marini estava amavelmente inclinado sobre as poltronas da esquerda, ajustando a mesa de plástico antes de colocar a bandeja do almoço. A passageira olhara-o diversas vezes, enquanto ele ia e vinha com revistas ou copos de uísque; Marini demorava em ajustar a mesa, perguntando-se entediado se valeria a pena responder ao olhar insistente da passageira, uma americana entre muitas, quando no oval azul da janela entrou o litoral da ilha, a franja dourada da praia, as colinas que subiam em direção ao planalto desolado. Marini sorriu para a passageira, corrigindo a posição defeituosa do copo de cerveja. “As ilhas gregas”, disse. “Oh, yes, Greece”, respondeu a americana com um falso interesse. Um som breve de campainha e o comissário de bordo se ergueu, sem que o sorriso profissional se apagasse de sua boca de lábios finos. Começou a atender um casal de sírios que queria suco de tomate, mas, na cauda do avião, aproveitou uns segundos para olhar outra vez para baixo; a ilha era pequena e solitária, e o Egeu a cercava com um azul intenso que ressaltava a orla de um branco deslumbrante e como que petrificado, que lá embaixo seria espuma rompendo nos recifes e nas enseadas. Marini percebeu que as praias desertas corriam em direção ao norte e ao oeste, o resto eram montanhas que entravam abruptamente no mar. Uma ilha rochosa e deserta, se bem que a mancha cor de chumbo perto da praia do norte pudesse ser uma casa, talvez um grupo de

casas primitivas. Começou a abrir a lata de suco e ao erguer-se a ilha desapareceu da janela: sobrou apenas o mar, um verde horizonte interminável. Olhou o relógio de pulso sem saber por que: era exatamente meio-dia.

Marini gostou de não ter sido designado para a linha Roma-Teerã, porque a viagem era menos lúgubre que nas linhas do norte, as moças sempre pareciam estar felizes por irem ao Oriente ou conhecer a Itália. Quatro dias depois, enquanto ajudava um menino que havia perdido a colher e mostrava desconsolado o prato de sobremesa, descobriu novamente a costa da ilha. Havia uma diferença de oito minutos, mas quando se inclinou sobre uma janela da cauda do avião, não teve mais dúvidas; a ilha tinha uma forma inconfundível, era como uma tartaruga que mal acabasse de tirar as patas de dentro da água. Demorou-se olhando para a ilha até que o chamaram, desta vez com a certeza de que a mancha cor de chumbo era um grupo de casas; chegou a perceber os desenhos de uns poucos campos cultivados que chegavam até a praia. Durante a escala em Beirute, examinou o atlas da aeromoça e se perguntou se a ilha não seria Horos. O radiotelegrafista, um francês indiferente, surpreendeu-se com o seu interesse. “Todas essas ilhas são parecidas, há anos que faço a linha e muito pouco me interessam. Sim, mostre-me da próxima vez.” Não era Horos mas Xiros, uma das várias ilhas situadas à margem dos circuitos turísticos. “Não vai durar nem cinco anos”, disse a aeromoça enquanto tomavam um aperitivo em Roma. “Se você quiser ir lá, ande depressa; as hordas chegarão a qualquer momento: Gengis Cook está alerta.” Mas Marini continuou a pensar na ilha, olhando-a quando se lembrava ou havia uma janela por perto, quase sempre dando de ombros no fim. Nada disso fazia sentido, voar três vezes na semana ao meio-dia sobre Xiros era tão irreal como sonhar três vezes por semana que voava ao meio-dia sobre

Xiros. Tudo era falso na visão inútil e repetida; salvo, talvez, o desejo de repeti-la, a consulta ao relógio de pulso antes do meio-dia, o breve e agudo contato com a deslumbrante franja branca à beira de um azul quase negro, e as casas onde os pescadores levantariam apenas os olhos para acompanhar a passagem daquela outra irrealidade.

Oito ou nove semanas depois, quando lhe propuseram a linha de Nova Iorque com todas as suas vantagens, Marini pensou que seria a oportunidade de acabar com aquela mania inocente e incômoda. Tinha no bolso o livro em que um vago geógrafo, de nome oriental, dava mais pormenores sobre Xiros que os habituais contidos nos guias. Respondeu negativamente, ouvindo-se como que a distância, e depois de observar a surpresa escandalizada de um chefe e duas secretárias foi comer na cantina da companhia, onde Carla o esperava. A decepção desconcertada de Carla não o inquietou; a costa sul de Xiros era inabitável, mas para o lado oeste havia vestígios de uma colônia lídia ou talvez cretomícênica, o professor Goldmann encontrara duas pedras talhadas com hieróglifos, que os pescadores utilizavam como escoras do pequeno cais. Carla sentia dor de cabeça e partiu quase em seguida; os polvos constituíam o recurso principal do punhado de habitantes; a cada cinco dias chegava um navio para carregar o pescado e deixar alguns mantimentos. Disseram-lhe, na agência de viagens, que teria de fretar um navio especial, saindo de Rynos, ou talvez pudesse viajar na pequena embarcação que recolhia os polvos, mas isto só poderia ser resolvido por Marini em Rynos, onde a agência não tinha representante. De qualquer maneira, a ideia de passar uns dias na ilha não era mais que um plano para as férias de junho; nas semanas seguintes teve de substituir White na linha de Túnis e depois começou uma greve e Carla voltou à casa de suas irmãs, em Palermo. Marini foi morar num hotel perto da Piazza Navona, onde havia sebos; distraía-se, sem

muita vontade, em procurar livros sobre a Grécia, folheava de vez em quando um manual de conversação. Achou graça na palavra *kalimera* e a ensaiou numa boate com uma garota de cabelo ruivo, dormiu com ela, teve notícia de seu avô em Odos e de umas dores de garganta inexplicáveis. Começou a chover em Roma, Tânia continuava a esperá-lo em Beirute, havia outras histórias, sempre parentes ou dores; um dia voltou à linha de Teerã, à ilha ao meio-dia. Marini permaneceu durante tanto tempo grudado à janela que a nova comissária o chamou de mau colega, e fez a conta das bandejas que estava servindo. Nessa noite, Marini convidou a comissária para jantar no Firouz e não lhe foi difícil fazê-la perdoar a sua distração da manhã. Lúcia aconselhou-o a cortar o cabelo à americana; ele falou-lhe algum tempo sobre Xiros, mas logo compreendeu que ela preferia o *vodka* do Hilton. O tempo ia passando em coisas desse gênero, em infinitas bandejas de comida, cada uma com o sorriso ao qual o passageiro tinha direito. Nas viagens de volta, o avião sobrevoava Xiros às oito da manhã; o sol batia nas janelas de bombordo e apenas deixava entrever a tartaruga dourada; Marini preferia esperar os meios-dias dos voos de ida, sabendo que, então, podia permanecer um minuto prolongado contra a janela enquanto Lúcia (e depois Felisa) se ocupava, um tanto ironicamente, do trabalho. Certa vez, tirou uma fotografia de Xiros mas saiu escura; já conhecia alguma coisa a respeito da ilha, sublinhara as praias e referências num e noutro livro. Felisa contou-lhe que os pilotos o chamavam o louco da ilha mas ele não se incomodou. Carla acabava de escrever-lhe que decidira não ter o bebê, Marini lhe mandou dois ordenados e calculou que o que sobrava não seria suficiente para as férias. Carla aceitou o dinheiro e lhe fez saber por uma amiga que provavelmente se casaria com o dentista de Treviso. Tudo importava tão pouco ao meio-dia, segundas e quintas-feiras e sábados (duas vezes ao mês, no domingo).

Com o correr do tempo foi percebendo que Felisa era a única que o compreendia um pouco; existia um acordo tácito para que ela tomasse conta dos passageiros, ao meio-dia, assim que se instalasse junto da janelinha da cauda do avião. A ilha era visível durante uns poucos minutos, mas o ar estava sempre tão límpido e o mar a recortava com uma crueldade tão minuciosa, que os menores detalhes iam se ligando, implacáveis, à lembrança da viagem anterior: a mancha verde do promontório ao norte, as casas cor de chumbo, as redes secando na areia. Quando faltavam as redes Marini sentia como que um empobrecimento, quase um insulto. Pensou em filmar a passagem da ilha, para repetir a imagem no hotel, mas preferiu economizar o dinheiro da máquina, já que faltava só um mês para as férias. Não percebia o passar dos dias; às vezes era Tânia, em Beirute, às vezes Felisa em Teerã, quase sempre seu irmão mais moço em Roma, tudo um pouco confuso, enchendo o tempo antes ou depois do voo e durante todo o voo, tudo era também confuso e fácil e estúpido até a hora de ajoelhar-se na janela da cauda, sentir o frio cristal como o limite do aquário onde, lentamente, se mexia a tartaruga dourada no espesso azul.

Nesse dia, as redes desenhavam-se precisas na areia, e Marini teria jurado que o ponto preto à esquerda, à beiramar, era um pescador que devia estar olhando para o avião. “Kalimera”, pensou absurdamente. Já não tinha mais sentido a espera, Mário Merolis lhe emprestaria o dinheiro que faltava para a viagem, e em menos de três dias estaria em Xiros. Com os lábios grudados no vidro, sorriu pensando que poderia subir até a mancha verde, que entraria nu dentro do mar das enseadas do norte, que pescaria polvos com os homens, entendendo-se por meio de risos e sinais. Nada foi difícil uma vez resolvido, um trem noturno, o primeiro navio, outro navio velho e sujo, a escala em Rynos, a negociação intermi-

nável com o capitão do barco, a noite no convés, grudado às estrelas, o sabor do anis e do carneiro, o amanhecer nas ilhas. Desembarcou com as primeiras luzes e o capitão o apresentou a um velho que parecia ser o patriarca. Klaios tomou-lhe a mão esquerda e falou lentamente, olhando-o nos olhos. Apareceram dois rapazes e Marini compreendeu que eram os filhos de Klaios. O capitão da pequena embarcação esgotava seu inglês: vinte habitantes, polvos, pesca, cinco casas, italiano visitante pagaria alojamento Klaios. Os rapazes começaram a rir quando Klaios discutiu dracmas; também Marini, já amigo dos mais moços, olhando sair o sol sobre um mar menos escuro do que o visto do ar, um quarto pobre e limpo, um jarro de água, cheiro de salva e de pele curtida.

Deixaram-no sozinho e foram carregar o barco e, depois de arrancar aos puxões a roupa de viagem e vestir um calção de banho e umas sandálias, pôs-se a andar pela ilha. Ainda não se via ninguém, o sol ganhava impulso lentamente, e crescia do matagal um cheiro sutil, um pouco ácido, misturado com o iodo do vento. Deviam ser dez horas quando chegou ao penhasco do norte e reconheceu a maior das enseadas. Preferia ficar sozinho, embora tivesse gostado mais de tomar banho na praia de areia; a ilha o invadia e gozava isso com tal intimidade que não era capaz de pensar ou de escolher. A pele lhe ardia de sol e de vento quando se despiu atrás de uma pedra para mergulhar no mar; a água estava fria e lhe fez bem, deixou-se conduzir pelas correntes insidiosas até a entrada de uma gruta, voltou para o mar aberto, abandonou-se de costas, aceitou tudo num só ato de conciliação que era também um nome para o futuro. Soube, sem a menor dúvida, que não deixaria a ilha, que de uma ou de outra maneira nela ficaria para sempre. Chegou a imaginar seu irmão, Felisa, a cara dos dois quando soubessem que ficara vivendo da pesca num penhasco

solitário. Já os havia esquecido quando girou em torno de si mesmo para nadar em direção à costa.

O sol o enxugou logo, ele desceu até as casas onde duas mulheres o olharam assombradas antes de correrem e trancar-se. Fez um cumprimento no vácuo e desceu em direção às redes. Um dos filhos de Klaios o esperava na praia e Marini indicou-lhe o mar, convidando-o. O rapaz titubeou, mostrando suas calças de pano e sua camisa vermelha. Depois, correu até uma das casas e voltou quase nu; mergulharam juntos no mar já morno, deslumbrante, sob o sol das onze horas.

Enxugando-se na areia, Ionas começou a dar nomes às coisas. “Kalimera”, disse Marini, e o rapaz riu até se dobrar em dois. Depois, Marini repetiu frases novas a Ionas, ensinou palavras em italiano. Quase no horizonte, o barco ia diminuindo; Marini percebeu que agora estava realmente sozinho na ilha, com Klaios e os seus. Deixaria passar uns dias, pagaria sua habitação e aprenderia a pescar; uma tarde, quando já o conhecessem bem, falaria em ficar e em trabalhar com eles. Erguendo-se, estendeu a mão a Ionas e começou a andar, lentamente, em direção à colina. A encosta era íngreme, subiu-a, saboreando cada elevação, virando-se uma ou outra vez para olhar as redes na praia, as silhuetas das mulheres que conversavam animadamente com Ionas e com Klaios e o olhavam de soslaio, rindo. Quando chegou à mancha verde, penetrou num mundo onde o cheiro de alecrim e de sálvia formavam uma só matéria com o fogo do sol e a brisa do mar. Marini olhou seu relógio de pulso e depois, num gesto de impaciência, arrancou-o e o guardou no bolso do calção de banho. Não seria fácil matar o homem velho, mas ali no alto, tenso de sol e espaço, percebeu que a empresa era possível. Estava em Xiros, estava ali onde tantas vezes duvidara que um dia pudesse chegar. Deixou-se cair de costas entre as pedras quentes, resistiu

a suas arestas e a seus dorsos afogueados e olhou para o céu, verticalmente; ao longe, ouviu o zumbido de um motor.

Fechando os olhos pensou em não olhar para o avião; não se deixaria contaminar pelo pior de si mesmo que uma vez mais ia passar em cima da ilha. Mas na penumbra das pálpebras imaginou Felisa com as bandejas, distribuindo-as naquele mesmo instante, e seu substituto, talvez Giogio ou algum novo de outra linha, alguém que também estaria sorrindo enquanto servia as garrafas de vinho ou o café. Incapaz de lutar contra tanto passado abriu os olhos e se levantou, e no mesmo momento viu a asa direita do avião, quase sobre sua cabeça, inclinando-se inexplicavelmente, ouviu a mudança do som das turbinas, a queda quase vertical em direção ao mar. Desceu correndo pela colina, batendo contra as pedras e rasgando o braço nos espinhos. A ilha lhe escondia o lugar da queda, mas virou antes de chegar à praia e por um atalho previsível ultrapassou a primeira platibanda da colina e saiu na praia menor. A cauda do avião afundava a uns cem metros, em silêncio total. Marini tomou impulso e mergulhou, ainda esperando que o avião tornasse a flutuar; mas só via a suave linha das ondas, uma caixa de papelão oscilando absurdamente perto do lugar da queda, e, quase no fim, quando já não fazia sentido continuar nadando, uma mão fora da água, apenas um instante, o tempo para que Marini mudasse de rumo e mergulhasse para apanhar pelos cabelos o homem que lutou para agarrar-se a ele e engoliu arquejando o ar que Marini sem se aproximar demais lhe deixava respirar. Arrastando-o pouco a pouco, trouxe-o até a praia, tomou nos braços o corpo vestido de branco e, estendendo-o na areia, olhou o rosto cheio de espuma onde a morte já estava instalada, sangrando por uma enorme ferida na garganta. De que adiantaria a respiração artificial se a cada convulsão a ferida parecia abrir-se um pouco mais e era como uma boca repugnante que cha-

mava por Marini, arrancava-o à sua pequena felicidade de tão poucas horas na ilha, gritava-lhe entre borbotões alguma coisa que ele não era capaz de ouvir. Os filhos de Klaios vinham a toda carreira e mais atrás, as mulheres. Quando Klaios chegou, os rapazes cercavam o corpo estendido na areia, sem compreender como tivera forças para nadar até a praia e se arrastar, esvaindo-se em sangue, até ali. “Fecha os olhos dele”, suplicou chorando uma das mulheres. Klaios olhou em direção ao mar, procurando algum outro sobrevivente. Mas, como sempre, estavam sozinhos na ilha e o cadáver de olhos abertos era a única coisa nova entre eles e o mar.

Quando depois — na rua, no metrô, atravessando campos —
vulcão, teria preferido abster-se, mas um leitor não é mais
que um leitor, com o absurdo, seu exercício de fazer história.
Rise, que se corrigiu para um dos seus nomes. Londres, talvez
e que estava no Aktych um lugar muito o programa,
e não é um leitor, mas a peça sobretudo meditação o livro, de
vamos ao intervalo quando o homem vestido de cinzento
arrastando-se de sua poltrona e o considero politicamente,
com voz quase imperceptível, a que o acompanhava até os
bastidores. Não demonstrar maior surpresa, imaginei que a
direção do teatro devia estar fazendo uma pesquisa, alguma
nova investigação com fins publicitários. “Se se trata de uma
opinion”, disse Rise. “Acho oportuno, de imediato, se chama
vão, por exemplo.” O homem de pernas cinzento encunhou
arazelmente, mas sua mão continuava indicando uma saída
lateral de modo que Rise compreendeu que devia levantar-se
e acompanhar-lo para discutir. “Teria preferido uma saída de
chá”, pensou, enquanto em direção uns degraus que conduzem a
um corredor lateral, deixando-se levar entre distraído e abor-
recido. Quase de repente achou-se diante de um capricho
que representava uma biblioteca burguesa dos bohemios que
pareciam entreter-se o cumprimentaram como se sua visita